

## GRAMSCISMO E GLOBALISMO: AS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO CAPILARIZADAS POR OLAVO DE CARVALHO E SUAS INCONSISTÊNCIAS

Renato Amado

University of Arkansas

**Resumo:** A extrema direita brasileira teve um guru, chamado Olavo de Carvalho. Em seu primeiro discurso televisado, após eleito, um dos livros que Jair Bolsonaro tinha sobre sua mesa era de Carvalho. Carvalho começou a publicar livros de temática anticomunista na década de 1990. No século corrente, além de novas publicações, manteve um programa no YouTube chamado “True Outspcak”, e lecionava cursos de filosofia online. Seu pensamento formou uma geração de reacionários. Carvalho se notabilizou – dentre outras coisas, como atacar seus adversários políticos com impropérios – por popularizar teorias da conspiração de extrema direita. As duas mais influentes no Brasil são o gramscismo e o globalismo. O chamado gramscismo é um dos pilares da atual guerra cultural da extrema direita nacionalista brasileira, e prega haver uma conspiração para alterar a mentalidade da sociedade subliminarmente, de modo a que, em dado momento, todos tenham um modelo mental comunista. Já o globalismo acredita que há uma conspiração envolvendo grandes corporações e organizações internacionais para abolir os Estados nacionais e implantar um governo global comunista. Tais teorias são hoje pervasivas em setores do conservadorismo brasileiro, e necessitam ser conhecidas para que se compreenda o atual momento de avanço conservador em diversos setores, inclusive artístico, por meio de uma guerra cultural que vai além do cenário político e que se capilariza, em alguns setores, de forma quase silenciosa.

**Palavras-chave:** Direita; Conservadorismo; Olavo de Carvalho; Gramscismo; Globalismo

**Abstract:** The Brazilian far-right had a guru named Olavo de Carvalho. In his first televised speech after being elected, one of the books Jair Bolsonaro had on his desk was by Carvalho. Carvalho began publishing anti-communist books in the 1990s. In the current century, in addition to new publications, he had a YouTube program called *True Outspcak* and taught online philosophy courses. His thinking has formed a generation of reactionaries. Carvalho was notable for popularizing far-right conspiracy theories. The two most influential in Brazil are Gramscism and Globalism. The so-called Gramscism is one of the pillars of the current culture war of the Brazilian nationalist far-right and preaches that there is a conspiracy to subliminally alter society's mentality so that, at some point, everyone will have a communist mindset. Globalism, on the other hand, holds that there is a conspiracy involving large corporations and international organizations to abolish national states and establish a global communist government. These theories are now pervasive in sectors of Brazilian conservatism and need to be known in order to understand the current moment of conservative advance in various sectors, including the arts, through a cultural war that goes beyond the political scene, and that is creating roots, in some sectors, almost silently.

**Keywords:** Right-wing; Conservatism; Olavo de Carvalho; Globalism; Gramscism

## Introdução

Por que falar de Olavo de Carvalho? Um autodeclarado filósofo que usava ofensas e palavrões como estratégia argumentativa, que distorcia a teoria de outros autores e não raro as abordava com superficialidade, que se notabilizou por declarações surrealistas como de que a Pepsi usa fetos abortados como adoçante (“Pepsi com Fetos”), que disse que ainda não encontrou nada que refute as teorias dos terraplanistas (“Não Estudei”), e que nas horas vagas gostava de caçar ursos (“Homem Forte”).

Carvalho se tornou um dos homens mais influentes da extrema direita nacionalista brasileira, a ponto de ter dado origem aos substantivos olavismo e bolsolavismo. Um de seus livros, *O Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser um Idiota*, vendeu mais de 200 mil exemplares (“Livro”). João Cezar de Castro Rocha aponta sua influência, desde os anos 1990, na formação de jovens no ensino superior que não se identificavam com a esquerda (Rocha, 2021, p.31). Segundo Rocha, a ascensão da direita sem a ação de Carvalho seria incompreensível (Rocha, 2021, p. 43). Sem Carvalho, a direita “não teria encontrado a linguagem que hoje a irmana, tampouco teria desenvolvido uma visão de mundo própria”

(Rocha, 2021, p. 47). Sua influência foi, aos poucos, alcançando diferentes círculos, como o Exército, que o convidou para dar palestras na Escola Superior de Guerra e na Escola de Comando e Estado-Maior (Leirner, 2020, p.182).

Os primeiros ministros da Educação e das Relações Exteriores do governo Bolsonaro foram indicados por Carvalho e ele é o guru de uma parte importante da novíssima direita, tendo formado diversos alunos no seu curso de filosofia, muitos dos quais são hoje influenciadores que continuarão espalhando suas ideias mesmo após seu falecimento. Não é possível, portanto, compreender completamente o recente avanço conservador no Brasil, sem compreender Olavo de Carvalho.

Olavo é, em termos gramscianos, um intelectual orgânico representante de grupos privilegiados. O intelectual orgânico é um indivíduo ligado a determinado grupo social que lhe dá homogeneidade e consciência da sua função nos planos econômico, social e político. Um intelectual orgânico vinculado a uma classe dominante é uma espécie de preposto desse seguimento social (Gramsci, 2001, p.21), um organizador da dominação, que busca fazer valer uma visão de mundo e um senso comum que atendem aos interesses desse grupo; no caso em tela, homens brancos, heterossexuais e ricos.

Isso nos leva ao conceito gramsciano de hegemonia. Antes e depois dele outros autores apresentaram suas definições, mas Gramsci foi o primeiro a vinculá-la à cultura e sua conceituação, até hoje, é a mais interessante e de maiores efeitos práticos.

Para Gramsci, o *Estado* é formado por *sociedade civil* mais *sociedade política* (Gramsci, 2001, p.32). Aquela, por sua vez, é constituída por grupos privados, como igrejas, sindicatos e outros. Tais coletividades tendem a replicar o senso comum, que é uma espécie de colagem de valores de diferentes tempos. De acordo com Gramsci, o “traço fundamental e mais característico [do senso comum] é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconsequente, conforme à posição social e cultural das multidões das quais ele é a filosofia” (Gramsci, 1999, p. 114). Trata-se, portanto, de uma crença fluida do que é comum, aceitável e natural.

Já a sociedade política é o aparato burocrático do Estado. Aquele que tem seu controle tem poder de coerção sobre os demais grupos, uma vez que o Estado detém o monopólio da violência.

O *Gramsci Dictionary* explica que “there is no unique meaning attached to ‘hegemony’, but an oscillation between a narrow ‘leadership’ as contrasted with ‘domination’ and a broader one which includes both ‘leadership’ and ‘domination’” (Cospito, 2018, p.17). Essa “*leadership*” se referiria a quando há um consenso que naturaliza determinadas relações de poder. Já a “*domination*” seria o controle da força coercitiva do Estado. Gramsci oscila, portanto, entre duas definições de hegemonia: uma que se refere ao domínio da *sociedade civil*, por meio do consenso, de um senso comum favorável (o que o *Gramsci Dictionary* chama de “*leadership*”), que chamaremos de hegemonia estrito senso, e outro que se refere ao domínio completo do Estado, ou seja, da *sociedade civil* e da *sociedade política*, que nomeamos hegemonia lato senso.

O terreno da cultura pertence à hegemonia estrito senso e é lá que Olavo de Carvalho atuava. Ele buscava – e em parte conseguiu – alterar a cultura, o senso comum da sociedade brasileira. Tanto era assim que afirmou, em entrevista ao jornalista Pedro Bial, que a reforma da cultura era o objetivo da sua vida (“Olavo de Carvalho Fala”).

Feito esse introito, nos encaminhemos ao núcleo desse artigo, os chamados “gramscismo” e “globalismo”.

## **Gramscismo**

Tal termo, principal fixação do ex-astrólogo, é apresentado em maiores detalhes em *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci*.

Com a derrocada do marxismo econômico e a perda do proletariado para as forças do capital, os marxistas teriam se aliado a minorias como negros, mulheres feministas e gays. O objetivo seria o mesmo do marxismo econômico: a promoção de uma sociedade acentuadamente igualitária, onde não há apenas igualdade de oportunidades, mas de condições, o que contrariaria a natureza humana.

Olavo acreditava que Gramsci pretendia:

amestrar o povo para o socialismo antes de fazer a revolução. Fazer com que todos pensassem, sentissem e agissem como membros de um Estado comunista enquanto ainda vivendo num quadro externo capitalista. Assim, quando viesse o comunismo, as resistências possíveis já estariam neutralizadas de antemão e todo mundo aceitaria o novo regime com a maior naturalidade (Carvalho, 2014, p.57).

A tese se baseia numa distorção do pensamento do autor italiano. Gramsci fala em participação dos intelectuais como facilitadores, para que o proletariado saia de um estado de predominância de espontaneidade, de modo que, por meio do pensamento crítico, desenvolva autonomia. O indivíduo autônomo seria consciente do seu papel histórico de classe. Com isso, ele problematizaria o senso comum e deixaria de perceber as dominações de outros grupos como naturais. A partir daí os subalternizados poderiam se organizar, a fim de influenciar a cultura, por meio de publicações em revistas e outros meios de comunicação, para que houvesse uma alteração da hegemonia estrito senso, ou seja, para que a dominação não fosse mais naturalizada. Isso abriria espaço para uma reestruturação social, com alteração da configuração hegemônica ou até do grupo dominante.

Em Carvalho, isso é interpretado como uma manipulação das massas por intelectuais, que iriam doutrinando a sociedade subliminarmente e alterando a cultura de maneira ardilosa. Assim, a própria burguesia acreditaria em valores que contrariariam os seus interesses e, quando se dessem conta, viveriam em uma sociedade comunista;

Para a revolução gramsciana vale menos um orador, um agitador notório, do que um jornalista discreto que, sem tomar posição explícita, vá delicadamente mudando o teor do noticiário, ou do que um cineasta cujos filmes, sem qualquer mensagem política ostensiva, afeiçoem o público a um novo imaginário, gerador de um novo senso comum. Jornalistas, cineastas, músicos, psicólogos, pedagogos infantis e conselheiros familiares representam uma tropa de elite do exército gramsciano. Sua atuação informal penetra fundo nas consciências, sem nenhum intuito político declarado, e deixa nelas as marcas de novos sentimentos, de novas reações, de novas atitudes morais que, no momento propício, se integrarão harmoniosamente na hegemonia comunista.

Milhões de pequenas alterações vão assim sendo introduzidas no senso comum, até que o efeito cumulativo se condense numa repentina mutação global (...). (Carvalhos, 2014, p.64).

Mas quais seriam esses valores subliminarmente infundidos? Aqueles do *politicamente correto*. Os beneficiários seriam as minorias historicamente desprivilegiadas, as quais ocupariam o espaço que fora do proletariado no marxismo tradicional. Os proletários teriam sido assimilados pelo capital e as minorias identitárias teriam se tornado

os aliados do novo marxismo. Não à toa, no livro de curtos ensaios livres, *O Imbecil Coletivo*, Olavo de Carvalho ataca os movimentos negro, gay e feminista.

O gramscismo reinaria entre setores progressistas desde a derrota da luta armada, sendo uma nova tentativa de tomada de poder pelos comunistas. O Partido dos Trabalhadores (PT) teria um papel de destaque, sendo um dos principais responsáveis pela implantação do gramscismo. O PT e demais progressistas estabeleceriam o comunismo sem rompimento do tecido social, mas transformando-o aos poucos:

(...) não é só o PT que segue Gramsci: todos os homens de esquerda neste país o fazem há uma década, sem se dar conta. O gramscismo domina a atmosfera por simples ausência de outras propostas e também por uma razão especial: atuando menos no campo do combate ideológico expresso do que no da conquista do subconsciente, ele se propaga por mero contágio de modas e cacótes mentais, de maneira que põe a seu serviço informal uma legião de pessoas que nunca ouviram falar em Antonio Gramsci. (Carvalho, 2014, p. 77)

Ao dizer que todo homem de esquerda é, ainda que inconscientemente, gramscista, Olavo afirma que, querendo ou não, todo sujeito de tal alinhamento político é militante de uma feição do marxismo, o gramscismo, também conhecido como marxismo cultural, logo, é comunista. O comunismo é associado, pelo grande público, a Estados totalitários e a confisco de propriedades. Com isso, consegue-se colocar todo o pensamento progressista sob um determinado guarda-chuva que remete a uma palavra (comunismo) que causa arrepios a muitos e que é associada a radicalismo e ao próprio mal. Ao dizer que todo homem de esquerda segue o gramscismo sem dar-se conta, Carvalho deslegitima e coloca no campo de um radicalismo inconsciente mesmo os mais moderados progressistas<sup>1</sup>, pois eles teriam construído seu modelo mental dentro de um universo gramscista, ou seja, suas ideias supostamente ponderadas seriam vistas como tais por eles próprios somente porque, acredita-se, formaram seus valores dentro de um senso comum em que o absurdo foi

---

<sup>1</sup> O “progressismo”, muito associado ao campo dos valores, é um movimento que acredita que avanços científicos e na organização social levam a uma melhora da condição humana. Está intrínseca, portanto, uma constante ideia de mudança, uma progressão rumo a uma situação melhor do que a presente. Contemporaneamente muitos progressistas acreditam que a participação do Estado é importante para que esse progresso ocorra. Já “esquerda” é a corrente política que não naturaliza a desigualdade e busca reduzi-la. Normalmente esquerdistas são progressistas, mas isso nem sempre ocorre, já que há alguns esquerdistas moralmente conservadores. Os termos, contudo, costumam ser usados intercambiavelmente e, sem dúvida, Carvalho pretende atingir ambos os grupos ao usar a palavra “esquerdistas” (liberais na economia e nos costumes, por exemplo, seriam direitistas progressistas e, ainda assim, seriam alvo de Carvalho, pois poderiam ser definidos como gramscistas). Por isso, optamos por “progressismo” e “progressistas”.

normalizado e a boa moral destronada. O progressista moderado seria aquele que quer deixar ligeiramente ainda mais imoral uma moral já corrompida pela revolução cultural gramsciana.

Para o autor de *O Dever de Insultar*, se conhecemos poucos gramscistas declarados, é porque o gramscismo realmente venceu:

O número dos adeptos conscientes e declarados do gramscismo é pequeno, mas isto não impede que ele seja dominante. O gramscismo não é um partido político, que necessite de militantes inscritos e eleitores fiéis. É um conjunto de atitudes mentais, que pode estar presente em quem jamais ouviu falar de Antonio Gramsci, e que coloca o indivíduo numa posição tal perante o mundo que ele passa a colaborar com a estratégia gramsciana mesmo sem ter disto a menor consciência. (Carvalho, 2014, p.78)

Como se nota, há uma passividade. O indivíduo é sujeito a uma espécie de controle mental, tema sobre o qual o autor tem fixação e no qual se debruça em *O Jardim das Aflições*.

Carvalho constrói uma tese imune à falseabilidade, o que a torna essencialmente problemática. A influência do gramscismo é diluída de tal modo que os que acreditam que existe marxismo cultural poderão acusar virtualmente qualquer obra de qualquer mídia, seja teórica, artística ou jornalística, de fortalecer o gramscismo, ainda que o autor não tenha consciência de tal. Isso permite uma espécie de “cancelamento”, uma versão conservadora das obras ou de quem os gurus do olavismo desejarem. Abre-se espaço para uma caça às bruxas, limpeza do cenário intelectual e cultural, para que seja ocupado por pensadores e artistas que se opõem ao marxismo cultural, de modo a recuperar a velha moral, que seria a natural da sociedade e não distorcida por manipulação sub-reptícia das massas. Os progressistas-comunistas realizariam uma engenharia social, alterando nosso jeito de ser, já consagrado por tradições milenares. Os progressistas seriam comunistas e imorais, portanto. Sendo imorais, não deveriam ser tratados como meros contendores no cenário político, mas como o próprio mal. Por isso, seria legítimo xingá-los e ridicularizá-los. Por meio dos seus ataques ad hominem Carvalho buscava esvaziar de legitimidade qualquer argumento vindo de certos interlocutores. Contudo, conforme demonstrado, sua tese é uma mera teoria conspiratória, baseada em distorções do pensamento de Gramsci.

## **Globalismo**

O globalismo é, depois do gramscismo, a conspiração que Carvalho conseguiu espalhar pelo país com maior êxito. Tal termo é repetido em documentários e entrevistas do canal no YouTube da produtora Brasil Paralelo, entre influenciadores digitais de grande popularidade, jornalistas com poder de influência como Rodrigo Constantino, na cúpula da República durante o governo Bolsonaro e em meios de comunicação, como a Jovem Pan.

Há diferentes entendimentos sobre o que significa. Segundo Rosa, Rezende e Martins, o conceito teria sido lançado pelo televangelista estadunidense Pat Robertson, no livro *The New World Order*, publicado em 1991. Outros conservadores dos Estados Unidos, como William Lind, Pat Buchanan e Paul Weyrich também publicaram obras sobre o tema (Pena 2019, p.376). Como ressalta Pena, “a palavra globalismo possui diversos significados, e nenhum é tido como o significado especialmente correto” (Pena, 2019, p.174), sendo, portanto, “um termo de significado vago” (id., p.374), o que permite que seja facilmente apropriado pelo discurso político, como foi feito por Donald Trump e Jair Bolsonaro.

O New York Times informa que “far-right groups in the United States began to refer to globalism at the end of the Cold War, when it replaced communism as an idea that was an ever-present danger to the nation” (Stack, 2016). Há variações nos detalhes da definição, mas a ideia central é de que há um plano de instituição de um governo global, que passa pela destruição das culturas nacionais, abrindo espaço para uma sociedade regulada pelas relações econômicas, com o fim das fronteiras nacionais, levando à livre circulação de pessoas e bens. Com isso, os grandes conglomerados econômicos conseguiriam ter acesso a mão de obra barata e penetrar os mercados locais, até porque o conceito de “local” deixaria de existir. Assim, os pequenos comerciantes seriam destruídos pelas grandes corporações, que seguiriam acumulando capital.

Olavo de Carvalho esmiuça e desenvolve sua própria teoria sobre o tema em *Os EUA e a Nova Ordem Mundial: Um Debate Entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho*,

obra em que o autor brasileiro debate com o citado fascista russo. Desenvolveremos o tema a partir da perspectiva olavista por ser, sem dúvida, a de maior influência no Brasil.

Carvalho defende que há, contemporaneamente, “três projetos de dominação global” (p. 29), que ele denomina de: russo-chinês, ocidental e islâmico (id.ibid.). Afirma, o autor:

Os agentes que hoje os personificam são respectivamente:

1. A elite governante da Rússia e da China, especialmente os serviços secretos desses dois países.
2. A elite financeira ocidental (...).
3. A Fraternidade Islâmica, as lideranças religiosas de vários países islâmicos e também alguns governos de países muçulmanos. (Carvalho, 2012, p.45-46)

Apenas o primeiro destes três grupos representaria interesses nacionais bem definidos, ou seja, seria um projeto comandado pelos governos dos referidos países. Nos debruçemos, contudo, sobre o segundo grupo, uma vez que se acredita que este é o projeto que “está mais avançado na consecução de seus planos de governo mundial” (Carvalho, 2012, p.46).

Os metacapitalistas seriam os cabeças do projeto globalista ocidental. Eles formam o que Carvalho define como “consórcio”, como tradução livre para “*sindicato*”. Segundo explicado por Ricardo Almeida, em trecho introdutório de *Os EUA e a Nova Ordem Mundial...*, em que apresenta uma fração do pensamento de Carvalho:

O metacapitalismo aparece quando as condições históricas possibilitam exercer uma ação sobre o curso do mundo capaz de conter as flutuações do mercado, de modo duradouro. Contidas estas flutuações, é natural que as grandes fortunas não se dispersem. O acúmulo de capital em poucas famílias, cujo poder prolonga-se ao longo do tempo, as transforma em agentes históricos de primeiro plano. (Almeida, 2012, p.15)

Trata-se de um conceito muito similar ao de *illuminati*. Talvez Carvalho tenha trocado as palavras apenas para que sua tese soasse mais crível. Seja qual for o termo usado, ressalta-se do conceito a ideia de um grupo limitado de famílias que detém poder global através dos tempos, buscando sempre ampliá-lo. Em resumo, os metacapitalistas teriam encontrado uma forma de manter grande parte do capital mundial acumulado em suas

mãos. E qual seria a forma de fazê-lo? Com a ajuda dos socialistas. Qual seria o motivo e como funcionaria essa aliança improvável? Carvalho sustenta que os socialistas perceberam que um socialismo completo é inviável:

A estatização completa dos meios de produção mostrou-se inviável, não só na prática, como até na teoria. Em 1922 o economista Ludwig von Mises explicou que, eliminado o livre mercado, todos os preços teriam de ser determinados pelo Estado. Mas, de um lado, o número de produtos em circulação a qualquer momento era grande demais para que um órgão estatal pudesse calcular seus preços antecipadamente. De outro lado, para controlar os preços o governo precisaria também ter o conhecimento antecipado de todos os recursos financeiros à disposição do público em cada momento. Em suma: o controle dos preços subentendia o controle total da economia, que por sua vez tinha de começar pelo controle dos preços. Só uma inteligência divina poderia superar esse círculo vicioso. Sendo impossível o controle dos preços, não havia controle geral da economia, portanto não havia socialismo nenhum. O máximo que se conseguiria fazer seria um socialismo nominal, com uma vasta liberdade residual de mercado que não poderia ser extinta nunca. (Carvalho, 2012, p.86-87)

A consequência disso, segundo o guru da extrema direita nacionalista brasileira, foi que, notando que o socialismo não seria possível, deixou-se de tentar um Estado socialista em prol de um “processo socializante”, que consiste em aproximar-se cada vez mais do socialismo sem jamais alcançá-lo (89). Isso seria feito por meio de crescentes controles estatais sobre as empresas privadas, buscando regular ao máximo a economia, e tais controles teriam se tornado tão vastos e complexos que:

(...) as pequenas empresas não tinham recursos financeiros para atendê-los e acabavam falindo ou sendo vendidas a empresas maiores – cada vez maiores. Resultado: o socialismo tornou-se a mera aliança entre o governo e o grande capital, num processo de centralização do poder econômico que favorece a ambos os sócios e não arrisca jamais desembocar na completa estatização dos meios de produção.

Os grandes beneficiários dessa situação são, de um lado, as elites intelectuais e políticas de esquerda; de outro, aqueles a quem chamei “metacapitalistas” – capitalistas que enriqueceram de tal modo no regime de liberdade econômica que já não podem continuar se submetendo às flutuações de mercado:

(...) Querem controlá-lo, e os instrumentos para isso são três: o domínio do Estado, para a implantação das políticas estatistas necessárias à eternização do oligopólio; o estímulo aos movimentos socialistas e comunistas que invariavelmente favorecem o crescimento do poder estatal; e a arregimentação de um exército de intelectuais que preparem a opinião pública para dizer adeus às liberdades burguesas e entrar alegremente num mundo de repressão onipresente e obsediante (estendendo-se até aos últimos detalhes da vida privada e da linguagem cotidiana) (...). (Carvalho, 2012, p.88)

Por fim, conclui: “Já não são megacapitalistas: são metacapitalistas – a classe que transcendeu o capitalismo e o transformou no único socialismo que algum dia existiu ou

existirá: o socialismo dos grão-senhores e dos engenheiros sociais a seu serviço” (Carvalho, 2012, p.89).

A tese olavista é claramente problemática. Para o ex-colaborador da revista esotérica *Planeta*, as regulações tornam inviável a prática da atividade econômica por companhias menores. Efetivamente, em uma revisão da literatura sobre o peso regulatório sobre pequenos negócios, os professores Chittenden, Kauser e Poutziouris, da University of Manchester, chegaram à conclusão de que o *compliance* necessário para lidar com as regulações estatais gera um custo pelo menos 35% maior para companhias com até vinte empregados do que para companhias com mais de quinhentos funcionários (Chittenden et al., 2002, p.4). Kitching, por sua vez, contesta essa espécie de consenso de que as regulações são prejudiciais às pequenas empresas, uma vez que tais conclusões são tiradas com base em pesquisas quantitativas que não medem, por exemplo, como as regulações incentivam os empresários a adaptarem seu negócio, gerando inovações. Abstraem o fato de que por mandamento legal concessionárias que fornecem infraestrutura, como eletricidade, são obrigadas a tomar ações que permitem uma ampliação do serviço que prestam, viabilizando e estimulando diversos negócios. Outras vantagens para os empresários advindas da regulação citadas por Kitching são: haver um mercado de atores que agem com certa previsibilidade, uma vez que necessitam seguir regulações; gerar direitos para as sociedades empresariais, permitindo demandar inclusive judicialmente aqueles que não cumprirem contratos ou, por exemplo, cobrar juros por pagamentos atrasados de clientes (Kitching, 2006, p.801). A regulação de mercado seria, portanto, “a *necessary* condition of sustaining an advanced market economy” (Kitching, 2006, p.800).

Ressalte-se, ainda, que uma das regulações de mercado existente é para evitar a criação de monopólios. No Brasil existe o Conselho Administrativo de Defesa Econômica, mais conhecido como CADE, que “tem como missão zelar pela livre concorrência no mercado” (Governo do Brasil. Conselho Administrativo). O CADE analisa operações como fusões e aquisições de empresa, determinando medidas que evitem a criação de monopólios. Sem regulação é possível que grandes conglomerados econômicos comprem ou destruam por incapacidade de concorrência, sociedades de menor estatura, gerando um

cenário de concentração de capital nas mãos de poucos grandes capitalistas. É a regulação do Estado agindo, portanto, contra a criação de oligopólio, ao contrário do preceituado por Carvalho.

Regulação é, em suma, um termo bastante vasto, que Kitching define como:

The legal and administrative rules created, applied, and enforced by state institutions – at local, national, and supranational levels – that both mandate and prohibit actions by individuals and organizations, with infringements to criminal, civil, and administrative penalties. (Kitching, 2006, p.801)

Parece, portanto, que ninguém seria contra algum nível de regulação. O argumento de Carvalho é que se esta for excessiva impediria o desenvolvimento das pequenas empresas. Por mais que pareça estar demonstrado que as regulações geram um custo de *compliance* maior para pequenos negócios, a regulação em parte determina a forma pelo qual um dado mercado se organizará. Desse modo, por exemplo, regulações ambientais podem gerar oportunidades para startups relacionadas a energia limpa. Ademais, as medidas de regulação – além das necessárias ao bom funcionamento da burocracia estatal, como as relacionadas ao sistema tributário – definem o tipo de sociedade em que vivemos. Carvalho fala em pressões criadas por grupos comunistas e socialistas a favor de maiores regulações, fundamentando aí a ligação destes com os ditos “metacapitalistas”. Ressalte-se, contudo, que regulações que geram debates na academia e na sociedade não são meras burocracias. Ao contrário, normalmente são questões que lidam com interesses difusos ou de grupos subalternizados. Dificilmente se verá uma pressão de grupos progressistas por uma mudança que aumente a burocracia na forma de pagamento de algum tributo. Contudo, certamente haverá no que tange a garantias trabalhistas, combate ao trabalho escravo, emissão de poluentes, etc. São questões que definem os valores e a configuração do mundo presente e futuro e que vão muito além de interesses de supostos metacapitalistas. O combate ao trabalho em condição análoga à de escravo, por exemplo, interessa de forma direta e clara aos trabalhadores submetidos a tal situação. Afirmar que comunistas (lembrando que, na lógica bolsolavista, desde o advento do “gramscismo”, comunistas e progressistas são essencialmente a mesma coisa) apoiam, e.g., regulamentações nesta questão em prol de um aumento do custo da mão de obra, o que inviabilizaria pequenos

negócios, gerando maior concentração de capital nas mãos dos grandes capitalistas, é mera inferência que não encontra respaldo na realidade. Enfim, o que se nota é que progressistas pressionam pela regulação da atividade econômica quando há causas que prejudicam grupos subalternizados ou interesses difusos. Não há o que Carvalho propõe (sem demonstrar), ou seja, um suposto engajamento progressista em favor de um aumento indiscriminado da regulação. As regulações pedidas são derivações de alguma causa que existe aprioristicamente. Regular, por exemplo, as condições de trabalho para que não sejam sub-humanas, deriva do combate ao escravismo.

## **Conclusão**

Espera-se terem sido demonstradas as bases dos dois principais pontos da teoria social de Carvalho, o “gramscismo” e o “globalismo”. Este autor claramente fazia o que ele acusava os chamados “gramscistas” de realizarem: buscava mudar a cultura. Contudo, diferente do que defende Gramsci, ele o faz valendo-se de distorções, informações falsas, pseudociência e ofensas.

Ainda que suas teorias tenham poucos fundamentos e muitas distorções, o gramscismo e globalismo são teses de considerável penetração na sociedade brasileira. Como dizem Rosa, Rezende e Martins, as novíssimas direitas “se articulam, sobretudo por meio de canais de internet, como YouTube, Facebook, Twitter, Instagram, dentre outros, através de certos discursos construídos principalmente por Olavo de Carvalho (...)” (Rosa et al., 2018, p.174). Deste modo, para entender o Brasil contemporâneo, que já teve a cultura ao menos em parte alterada pelas novíssimas direitas, é necessário estudar Olavo de Carvalho, seja ou não agradável às nossas suscetibilidades. A partir deste estudo será possível compreender suas teses inconsistentes e desconstruí-las. Tal desconstrução deve ocupar cada vez mais o debate público. A indiferença ao olavismo ajuda a que este sobreviva ao próprio Olavo, ganhe corpo, corroa a sociedade brasileira e aumente o ódio político e a polarização.

## **Referências**

ALMEIDA, Ricardo. *Sobre Olavo de Carvalho*. In: CARVALHO, Olavo; DUGIN, Alexander. *Os EUA e a nova ordem mundial: um debate entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho*. Campinas: CEDET, 2012.

CARVALHO, Olavo de. *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*. Campinas: Vide Editorial, 2014.

CARVALHO, Olavo de. “Não estudei o assunto da terra plana. Só assisti a uns vídeos de experimentos que mostram a planicidade das superfícies aquáticas, e não consegui encontrar, até agora, nada que os refute.” *Twitter*, 19 May 2019, <https://twitter.com/opropriolavo/status/1133838337570217984>.

CARVALHO, Olavo de. *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras*. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade Editora, 1999.

CARVALHO, Olavo de. *O jardim das aflições*. Campinas: Vide Editorial, 2015.

CARVALHO, Olavo; DUGIN, Alexander. *Os EUA e a nova ordem mundial: um debate entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho*. Campinas: Vide Editorial, 2012.

CHITTENDEN, Francis et al. *Regulatory burdens of small business: a literature review*. Manchester: Manchester Business School, 2002.

COSPITO, Giuseppe. Dicionário gramsciano / Gramsci dictionary: Hegemony. *International Gramsci Journal*, n. 3, 2018, p. 18-25. <https://ro.uow.edu.au/gramsci/vol3/iss1/7/>.

GOVERNO DO BRASIL. Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE). 12 jul. 2021, <https://www.gov.br/pt-br/orgaos/conselho-administrativo-de-defesa-economica>.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v.1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo.

“HOMEM FORTE e ‘guru’ de Bolsonaro adora caçar ursos. E fazer churrasco com eles”. *Hypeness*, n. 16, nov. 2018. <https://www.hypeness.com.br/2018/11/homem-forte-e-guru-de-bolsonaro-adora-cacar-ursos-e-fazer-churrasco-com-eles/>

KITCHING, John. “A burden on business? Reviewing the evidence base on regulation and small-business performance”. *Environment and Planning C: Government and Policy*, v. 24, n.6, p. 799-814, 2006.

LEIRNER, P. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica*. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.

“LIVRO - O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota”. *Americanas*, <https://www.americanas.com.br/produto/114596527#:~:text=Os%20assuntos%20n%C3%A3o%20se%20esgotam,os%20artigos%20v%C3%AAm%20lan%C3%A7ar%20luz%2C>.

“Olavo de Carvalho fala com o imbecil coletivo Pedro Bial, com piada pronta na Apresentação”. *YouTube*, uploaded by Planalto Conservador, 12 Apr. 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=FIHGYWESLFA>.

PENA, Lara Pontes Juvencio. “Globalismo”: O discurso em Política Internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. *Fronteira*, v. 18, n. 36, p. 371-386, 2019.

“PEPSI com Fetos Abortados.” *YouTube*, uploaded by Secret Science, 3 July 2016, [www.youtube.com/watch?v=7l4WmFjzDIs&ab\\_channel=SecretScience](http://www.youtube.com/watch?v=7l4WmFjzDIs&ab_channel=SecretScience).

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural bolsonarista: a retórica do ódio*. Goiânia: Editora Caminhos, 2021.

ROSA, Pablo Ornelas et al. As consequências do etnocentrismo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. *Núcleo de Estudos Paranaenses*, v. 4, n. 2, p. 164-203, 2018.

SOUZA, Herbert Glauco de. *Contra-hegemonia: um conceito de Gramsci?*. Dissertação (Mestrado) - Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

STACK, Liam. Globalism: A Far-Right Conspiracy Theory Buoyed by Trump. *New York Times*, 14/10/2016. <https://www.nytimes.com/2016/11/15/us/politics/globalism-right-trump.html>.

**Renato Amado** é professor de português e cultura brasileira na Universidade do Arkansas. Nascido no Rio de Janeiro, formou-se em direito pela PUC-Rio e foi, por quase dez anos, advogado da Petrobrás. Em paralelo ao seu trabalho, foi escritor e agitador cultural, tendo publicados diversos contos e um romance, e fundado a Editora Flâneur e o coletivo multiartístico Caneta, Lente & Pincel, que promoveu exposições em locais como o Centro Cultural Justiça Federal e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em 2016 afastou-se das atividades jurídicas para dedicar-se integralmente a um doutorado em estudos portugueses e brasileiros na Brown University, que concluiu em junho de 2023, com uma tese sobre a guerra cultural conservadora no Brasil contemporâneo. Desde agosto do mesmo ano, leciona na Universidade do Arkansas.